

## O PROFESSOR E SEU DISCURSO: ONDE ESTÁ O SENTIDO?

### THE TEACHER AND ITS SPEECH: WHERE IS THE SENSE?



Vol. 9 Número especial

jul./dez. 2014

p. 575 -582

Eliane Cabral Beck <sup>1</sup>

**RESUMO:** No espaço equívoco da sala de aula, no processo de interlocução ocorre a produção e circulação de efeitos de sentido. Propõe-se analisar alguns momentos em que o discurso apresenta por meio da ironia, das repetições, dos comentários, efeitos de sentido. São utilizados, para isso, alguns enunciados produzidos por quatro professores em determinada instituição de ensino a partir de algumas aulas gravadas em sala. Os enunciados foram transcritos e analisados sob o viés da Análise do Discurso com o objetivo de perceber os sentidos, ou melhor, os efeitos de sentido produzidos em tal situação. Ao conceber as condições de produção em que tais enunciados foram proferidos tem-se que o professor reproduz uma forma de pensar que é socialmente construída por meio de repetições, regularizações que são repassadas historicamente e discursivamente. Acredita-se que ao interpretar o discurso do professor e questionar onde está o sentido, é possível perceber que há muitos sentidos, e que cabe ao analista se infiltrar no universo linguístico para interpretar e compreender como os sentidos são construídos e repassados. No que tange à sala de aula por onde perpassam os mais diferentes discursos tem-se um espaço em que o discurso didático deixa escapar as ideologias que determinam comportamentos e modos de pensar. Os enunciados são vistos, neste trabalho, como práticas que regulam a retomada e a circulação do discurso e não como advindos do professor.

**PALAVRAS-CHAVE:** Análise do Discurso. Enunciados. Efeitos de Sentido.

**ABSTRACT:** In the classroom space, in the interlocution process there is the production and the circulation of the speech effects. In the paper, we want to analyze some moments in which the speech presents by means of irony, repetition and comments, some speech effects. The discussion presented in this paper revolves around of some speeches that were produced by four teachers in a teaching institution from some classes that were recorded in class. The statements were transcript and analyzed by speech analyzes way of study with the objective of seeing what are the effects, be better, the speech effects in that situation. When designing the production conditions in which the statements were done, it is

<sup>1</sup> Doutoranda em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná

possible to have that the teacher reproduces a way of thinking that is socially built because of repetitions and regularizations that came historical and discursively. It is believable that to understand the teacher speech and question it is the same as question the effect, and it is possible to see that there are many meanings and that is a function of the analyst to go into the linguistic universe to understand how the meanings are build and passed. Regarding to classroom where it is possible to see the different speeches, there is a space where the didactic speech misses the ideologies that determine behaviors and ways of thinking. The announcements are seen, in this paper, as practices that rule the recovery and circulation of speech, which is not arising from the teacher.

**KEY-WORDS:** Speech analyses, announcements, speech effects

## Introdução

O questionamento de onde está o sentido no discurso do professor parte do princípio de que ao proferir enunciados em sala de aula com o intuito de ensinar conhecimentos socialmente produzidos, o professor deixa escapar posicionamentos, modos de pensar, enfim tomadas de posição, que deixam transparecer a presença do político, do simbólico, do ideológico. Tais enunciados tomados aqui, não são vistos como advindos do professor, mas como “operações que regulam a retomada e a circulação do discurso”. (ACHARD, p. 17, 2007)

Ao analisar a língua atravessada pelo histórico e pelo social, parte-se do princípio de que todos os enunciados, toda sequência de enunciados oferecem lugar de interpretação. Tendo como base os pressupostos da Análise do Discurso (AD) busca-se então descrever e interpretar a constituição, a formulação e a circulação dos sentidos na sociedade, mediante a articulação necessária e indissociável com a história, conforme palavras de Pêcheux (1997). A descrição e a interpretação entendidas como passos dependentes no processo de análise, não uma antes da outra. Noção apresentada por Pêcheux (1997), quando afirma que é “através das descrições regulares de montagens discursivas, que se podem detectar os momentos de interpretações enquanto atos que surgem como tomadas de posição.” (PÊCHEUX, p.57, 1997).

Conceber a língua na sua opacidade é papel do analista do discurso, perceber que esta funciona em um processo discursivo numa dada formação discursiva (FD) que materializa formações ideológicas, e que por sua vez, são de ordem da história, permite ir além da materialidade linguística. Este é o ponto chave, apresentado por Pêcheux (1997), em seus estudos, de que é a formação do sujeito, constituída por um infinidade de filiações históricas, permeada de palavras, de imagens, de narrativas, de discursos, de textos, entre outros, as “coisas a saber” (PÊCHEUX, 1997) coexistem assim com objetos, portanto ninguém pode estar seguro de saber do que se fala, porque esses objetos estão inseridos numa dada formação discursiva e não são o produto de uma aprendizagem: isto acontece tanto na esfera familiar privada quanto na esfera pública das instituições, a escola, por exemplo.

Nessa perspectiva, os falantes não percebem, nem manobram seus discursos, estão inseridos numa dada formação discursiva e ideológica, Pêcheux defende a tese que a ideologia interpela o indivíduo em sujeito e que isto ocorre por meio do recalque do inconsciente e do assujeitamento ideológico, há para o sujeito apenas “o que pode/deve ser dito a partir de um determinado lugar social” (PÊCHEUX, 2011).

A linguagem é, portanto, materializada na ideologia, que é “a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos” (ORLANDI, 1999, p.46), “assim considerada, a ideologia não é ocultação, mas função da relação necessária entre linguagem e mundo” (ORLANDI, 1999, p.47).

Se inicialmente os estudos eram desenvolvidos em discursos “fechados” como discurso comunista, de direita, socialista, hoje a AD se volta para outros discursos, denominados como ordinários, os chamados mediáticos, escolares (discurso analisado neste trabalho), do cotidiano, entre outros.

Interessa também, enquanto pesquisador entender o termo sujeito, já que este não é dono de seu discurso, este se forma pelo esquecimento do que o determina, ao fazer parte de determinada posição, o sujeito se configura como tal, é interpelado pela Formação Discursiva que o domina, ou seja, o sujeito é determinado pela ideologia na qual é constituído socialmente, não é o sujeito que enuncia, mas formações discursivas que o caracterizam a partir de suas condições de produção.

O espaço então para as interpretações nas quais se realizam os estudos da AD, de acordo com Orlandi (1997), ocorre a partir de descrições regulares de montagens discursivas, nas quais se possam detectar os momentos de interpretações enquanto atos que surgem como tomadas de posição, como “efeitos de identificação assumidos e não negados.” (PÊCHEUX, 1997, p. 57) Nesses atos, nesses desvios, é que se podem observar os efeitos de sentidos, os pretendidos e os produzidos, tanto na instância da comunicação como na instância da interpretação. Os “desvios” podem ser concebidos como próprios de funcionamento da língua e como produtores de efeitos de sentido.

### **O sujeito professor e o espaço de sala de aula**

Em um espaço como a sala de aula há toda uma relação que já está estabelecida socialmente, ou seja, o papel de professor como aquele que ensina e o aluno aquele que aprende, o professor fala e o aluno ouve. Para repassar os conhecimentos socialmente adquiridos o professor, na maioria de suas aulas utiliza-se de aulas expositivas e isso se deve muito mais a circunstâncias administrativas, por ser uma estratégia econômica, flexível, rápida do que por trazer resultados positivos no que diz respeito ao processo ensino/aprendizagem.

Não há apenas o repasse de conteúdos em uma sequência formal, didática, pois o sujeito professor carrega em seus enunciados, ditos, que ultrapassam o simples repassar de conhecimentos historicamente produzidos. É o que se pretende perceber nas análises, desenvolvidas a seguir, estas se pautam em alguns recortes de aulas gravadas produzidas por professores.

No enunciado a seguir, percebe-se que o uso de verbos em primeira pessoa reforça o poder e a autoridade no discurso, como se todo o saber fosse daquele que fala, apresentando o que se diz como incontestável (eu sei, portanto é verdade), na fala do professor, há a voz da experiência daquele que detém o conhecimento:

Sei que não ficou claro para vocês...

Sei que no decorrer do exercício vão surgir dúvidas... (Professor I)

Outras vezes, percebe-se que há ênfase na relação que se estabelece em sala de aula, o professor já tem a experiência de que a sua fala nem sempre é apreendida por todos os alunos e reforça isso por meio de enunciados como:

Vou explicar rapidamente...

Vocês já aprenderam isso lá no Ensino Médio...

Já falei, mas vou repetir... (Professor I)

No segundo enunciado percebe-se que o professor, impossibilita ao aluno o questionamento já que afirma que ele já aprendeu, neutraliza o questionamento sobre o

assunto. Ao final da aula o professor, lê para os alunos questões carregadas de ironia. Segundo Voese(2005), a particularidade da ironia, é o fato de que ela não dá à vítima nenhuma possibilidade de reação responsiva, de modo que o produtor da ironia parece não visar, especificamente, ao que se entende por interação, mas a um riso cúmplice que deve silenciar a voz de alguém.

É essa cumplicidade que multiplica a força de uma voz, o que explica que a ironia é, antes de tudo, a manifestação de uma outra voz social de que o enunciante se apropriou para firmar a posição de que ele está, ou não, de acordo com certos valores e finalidades. Ao escolher o texto para ser lido em sala, o professor pode reforçar a idéia da ingenuidade dos professores ou a ignorância dos alunos. Há no texto/piada “uma forma extremamente rica de abordagem da questão da identidade- estereotipada” (POSSENTI, 2010, p.40).

Professor sofre:

Qual a principal função do esqueleto: Invadir o castelo de Greiscow,

O aluno reforça dizendo que isso é verdade.( Professor 1)

Escreva o regime político adotado por Jânio Quadros

Professor eu nasci no ano de 1987 e por esse motivo não poderei responder esta pergunta, mas me promitico a ir à biblioteca buscar a informação certa. (Professor 1)

A escolha de tais enunciados para serem lidos ao final da aula para os alunos poderia ser entendida como simplesmente um momento de descontração, porém é possível perceber que estão em jogo dois grupos, de um lado os professores que solicitam dos alunos questões sobre Biologia e História e do outro os alunos que apresentam respostas relacionadas a desenho infantil e à noção de espaço/tempo. Observa-se a oposição entre dois discursos socialmente construídos, o professor detém o conhecimento e o aluno é ignorante. Ao reproduzir tal discurso em sala há por parte do professor, o reforço da condição social representada.

Já na fala do professor 2, a incidência de perguntas é muito grande. O uso de frases interrogativas procura fazer com que o interlocutor se comprometa. Há uma sequência de questionamentos, no entanto não há respostas por parte dos alunos, o próprio professor vai respondendo suas perguntas e dessa maneira tem a sensação de a ação desejada é orientada, sugere aos alunos que anotem as partes que “eles” consideram mais importante, mas durante a aula reforça o que considera essencial no texto. Ao perguntar sobre o texto, o professor dialoga com o texto e não com o grupo de alunos, já que não aguarda as respostas:

- ... E na terça-feira... como quadro aquilo que vocês retirarem como aspecto mais importante. Vamos ver se vocês entenderam, certo? Vocês vão fazer uma leitura do texto como um todo e vão anotando, vão grifando os aspectos mais importantes deste texto que vocês vão lendo, tá bem? (Professor 2)

Em outros momentos há a presença de verbos no imperativo, o que denota o poder do discurso, não permite aos interlocutores atitude contrária a sugerida no discurso. Ao final do enunciado, o professor 2 reforça a sua fala a partir de uma pergunta, o que não deixa nenhuma dúvida a respeito do que está propondo:

- Não sim. Na quinta-feira. Porque hoje vocês ainda terão que ir atrás desse material, nós vamos fazer uma leitura conjunta, então, e quinta-feira vocês vão fazer isso aqui, porque eu havia prometido pra vocês, lá na primeira série, que nós não faríamos trabalho em casa, lembra? Tá lembrado? (Professor 2)

No trecho a seguir ocorre a pergunta retórica, ou seja, o professor faz a pergunta, mas já sabe a resposta e ele mesmo responde, muito comum em todas as aulas gravadas:

- Na quinta-feira. Na outra terça-feira, nós vamos retomar, sem o texto, aliás, vocês vão ficar com a mesma nota, mas nós vamos justificar e apontar, no quadro, os principais tópicos, que vocês leram, que vocês apontaram como mais importante, concorda? Porque é melhor assim? Porque aí eu respeito o político de cada um, não é verdade? O que nós vamos fazer agora, no círculo de leitura aqui, nós vamos nos respeitar, o político de cada um de vocês. Vamos ter que ler, debater, coisa e tal, observar o quadrado, está certo? Na próxima aula, nós vamos sair um pouquinho do texto, vamos ter um debate, vamos melhorar. Vocês já leram o texto e eu não vou precisar fazer a leitura novamente, ok? (Professor 2)

No trecho abaixo, novamente a presença do verbo no imperativo, e também por meio da pergunta feita o professor procura conduzir a partir da referência a uma aluna, a direção de uma determinada perspectiva do assunto. Apesar da pergunta feita, estimular a aluna a entrar na discussão, atribuindo-lhe o papel de interlocutora crítica, não há sucesso no intento:

- Leia então.

- Espera um pouquinho aí. Só um pouquinho aí. C..., o que você entendeu destas duas frases que a, que, que a E... leu?

- Nada.

- Ah, tá bom. Sabe por quê? Porque aí nós estamos mexendo num objeto, num campo antropológico muito sério que nós vamos a partir de..., tá certo? (Professor 2)

As avaliações feitas pelo professor demonstram sua indignação diante do que lê, frases avaliativas como: "gente do céu", o que contribui para que os demais leitores sejam conduzidos na construção do sentido diante do que ouvem. Sentido entendido não como um sentido, mas como efeito de sentido, que segundo Cattelan (2008, p.34), é "assumir que os recursos da língua não são estáveis; é afirmar que o sentido que assumem são próprios do acontecimento discursivo de que fazem parte, podendo não vir a se repetir." Fala-se, neste caso, de uma sala de aula, na qual o professor, a partir da leitura de um texto, se apropria deste e de outros discursos para construir e repassar sentidos:

- Olha só! Olha só! As crianças falam antes de andar e qualquer tentativa que ela faça de andar antes de um ano de idade... Agora, olha bem como é a nossa cultura. Está dividida em duas partes em nosso meio: aqueles que pesquisaram um pouquinho de psicologia infantil e aqueles que não estudaram NADA de psicologia infantil. Quem estudou um pouquinho de psicologia infantil desde qualquer nível... os andadores, cheios de rodinhas em baixo que a criança ficava ali, a hora que ela cansava ela dava uma sentadinha... Gente do céu!!! Então, ela era obrigada ... Pai bobo e mãe boba, não é no sentido pejorativo que eu estou falando, porque todos nós ficamos bobos, todos nós ficamos bobos quando nossos filhos nascem. Uns em mais alta escala e outros em menor escala, mas todos ficam bobos...(Professor 2)

Há no trecho a seguir a pergunta retórica, recurso muito utilizado pelo professor 2. O professor apresenta um processo avaliativo em relação ao comportamento apresentado anteriormente, há um efeito de sentido que perpassa a idéia de desqualificação de uma cultura e qualificação de outra:

Sabe, os japoneses é uma cultura diferenciada, e muito diferenciada. Sabem por quê? Porque a nossa civilização ocidental... Sabe qual é? A necessidade de projeção. Então...(Professor 2)

Os enunciados proferidos pelo professor ora se dirigem ao grupo e apresentam informações sobre aquilo de que fala, citando: fatos, dados, experiências pessoais, ora se voltam para o próprio texto, pois trabalham com jogos de sentido e de sons, com combinações inusitadas de palavras. A expressão "só um pouquinho", enfatiza a necessidade do professor de manter a atenção no que está dizendo, sem que seja interrompido:

- Espera um pouquinho aí. Não muda muito. Não muda muito não, porque hoje em dia nós temos na nossa realidade ocidentalizada aqui, muitos pais que quando um filho ou uma filha erra, chegam para a mãe e dizem assim: "Olha tua filha, óhh, tá vendo?" Como se ele não tivesse nenhuma responsabilidade na educação. "Olha só, tá vendo? Olha só o que a tua filha tá fazendo aí, óóhh!!!" ... Como mudou, heim? (Professor 2)

- Só um pouquinho. A autora trata sem medo dessas questões numa época danada, ela... tá certo? Aí você vai dizer o seguinte: "não, mas o Japão de lá para cá também mudou bastante!! Mudou menos do que nós, tá? Porque ... (Professor 2)

A construção da análise do professor vai sendo conduzida a partir de conclusões sobre comparações da cultura de um país e outro. Há no decorrer dos enunciados a possibilidade de perceber os não-ditos que levam a determinados sentidos. Há uma cultura melhor que a outra? Expressões como mudança, rigidez, caráter vão ganhando sentido a partir das colocações do professor. É aí que "o sentido aparece naturalmente produzido pelo homem para as coisas." (ORLANDI, p.44, 1995)

- Só um pouquinho. Só um pouquinho. Pessoal, não sei se vocês já assistiram, há uns três anos atrás, passou ... Então, a formação do caráter japonês começa aí... Olha só!!!! Quer dizer, a regra vai ficando para os jovens até o adulto cada vez mais rígida!!! Engraçado, quase todo mundo entra nos eixos!!! (Professor 2)

Na fala do professor 3, observa-se uma constante, as perguntas dirigidas aos alunos estão sempre no sentido de dar a eles a palavra e de certa forma o poder de o professor continuar ou não a aula. Procura fazer com que o interlocutor se comprometa e dê a devida atenção ao que se está dizendo:

Bom, tá. Posso seguir?

Pessoal, vamos fazer a correção. Vamos lá? Então a pergunta três.

...

Dúvidas? Não dúvidas? Tá bom. Então, vamos lá. Exercício quatro.

...

Então, é aquilo... Tudo bem? Vocês preferem que eu atribua letras ou números? Só os números! Então, digamos que o capital de cinquenta...

...

Tranquilo até aqui? Sim? Dúvidas? Não?

Exercício cinco. Pronto? Vamos lá? ( Professor 3)

O professor 3 tenta o tempo todo estabelecer um diálogo com os alunos. A expressão "eu vou tentar explicar" denota que não há uma relação de superioridade, mas de esforço em repassar as informações de todas as maneiras possíveis. Essa prática atenua a oposição que pode ocorrer entre professor e aluno, além de conquistá-los:

Vamos reforçar. Se existem dúvidas e quiserem pedir eu vou tentar explicar, ok? ...

A taxa anual de 20,3% ao ano eu tenho que achar uma taxa, mensal, ok?

...

Se ainda quiserem podem fazer isso lá separado, tá? Não posso fazer menos um aqui. Entendido isso? ( Professor 3)

A expressão mais usada na seqüência é "dúvidas", em forma de questionamento, o professor 3 em toda a aula se dirige aos alunos questionando-os sobre o que está explicando e ao mesmo tempo preocupa-se com o entendimento. Ao final há a ocorrência do verbo no imperativo (prestem):

(Tirando dúvidas, explicando o exercício novamente e partes do mesmo).

Mais dúvidas? Gente o que significa esse 0,0225 ao ano? Essa seria a taxa mensal. É a fórmula que vou jogar na fórmula do montante, no composto...

Dúvidas? Vamos prosseguir? Vamos prosseguir?

Exercício seis. Conseguiram? Dúvidas? Exercício cinco? Não? Preciso fazer o seis também? Exercício três, prestem atenção. (Professor 3)

Na passagem seguinte observa-se que o professor 3 ao questionar o entendimento considera o outro como capaz de reagir e interagir diante das propostas que lhe são apresentadas e toma a decisão de acordo com as respostas dadas. Essa forma de se dirigir aos alunos permite perceber o que, Koch (2002) afirma, ou seja, o professor não impõe e deixa aos alunos a possibilidade de aceitar ou não o que é apresentado. Passa aos alunos a idéia de que estes têm a liberdade de escolher o que querem:

Tem a necessidade dos demais também, senão eu vou lá resolver só com ela.

Eu vou resolver, então, contigo essa. Tem mais alguma que vocês queiram que eu resolva no quadro? A seis? Mais gente quer que eu resolva? Qual a questão? A seis aqui também? OK. Então vamos resolver a seis.

Gente, eu quero, eu quero tirar uma dúvida com vocês... Ele diz o seguinte, gente,...

Tranquilo aqui? (Professor 3)

Pelo fato do discurso do professor 4 ser extremamente teórico observam-se pausas, hesitações, reinícios, que se manifestam em momentos de seleção lexical, na construção de denominações:

(...) Portanto, nossa ... portanto foi baseada em notas equacionadas...

A procura por moeda, novamente gente, demanda e procura é a mesma coisa. A procura por moeda é o motivo de informação (?) de um bem só e é empregado a um bem de pagamento pelas unidades familiares sempre que quiser fazer alguma divisão de algum produto ou serviço, um bem, ... não duráveis são os bens de uso imediato. O alimento nós compramos diariamente, o dia a dia. Semi-duráveis: utilizamos... vestuário... (Professor 4)

Ao se dirigir a seus interlocutores, o professor 4 pergunta, responde e faz uma apreciação, que pode ser compreendida de duas formas, a primeira que há uma compreensão por parte do grupo sobre o assunto apresentado e isso é "ótimo", ou o grupo não faz perguntas, pois não compreendeu o assunto, e há a ironia presente na expressão "ótimo": não preciso repetir:

Alguma dúvida? Não? Ótimo! (Professor 4)

O professor 4 novamente pergunta aos alunos se há dúvidas, após o silêncio faz a afirmativa e segue o conteúdo:

Alguma dúvida mais pra responder? Não? Então vamos continuar.  
(Professor 4)

No exemplo a seguir dado pelo professor, observa-se aquilo que é valorizado pelo grupo social, seja considerado certo ou errado, o sentido é compreendido na situação fornecida, ou seja, hábitos que a comunidade possui, valores que são repassados pela escola, pelo grupo, pela comunidade, o comportamento é reforçado ao final da fala:

Se eu chegar com os mil reais pra ela, ela vai recusar os mil reais pra pagar a dívida? Ela vai recusar? Não. Porque a moeda, desde que ela ... é aceita. Todos aceitam. (Professor 4)

A partir do conteúdo trabalhado o professor repassa informações e posições que são naturalizadas, que vão constituindo os sujeitos socialmente.

### Considerações finais

As análises desenvolvidas, a partir de enunciados produzidos em sala de aula, permitem perceber alguns momentos em que o discurso apresenta por meio da ironia, das repetições, dos comentários, efeitos de sentido.

Ao conceber as condições de produção em que tais enunciados foram proferidos tem-se que o professor reproduz uma forma de pensar que é socialmente construída por meio de repetições, regularizações que são repassadas historicamente e discursivamente.

Acredita-se que ao interpretar o discurso do professor e questionar onde está o sentido, é possível perceber que “o sentido não é um, é muitos” (ORLANDI, p.38, 1995), e que cabe ao analista se infiltrar no universo linguístico para interpretar e compreender como os sentidos são construídos e repassados.

### Referências

- ACHARD, Pierre. **Memória e produção discursiva do sentido**. In: ACHARD, P. et al. Tradução e introdução NUNES, José Horta. 2 ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 2007.
- CATTELAN, João Carlos. Colcha de retalhos: micro-história e subjetividade. Cascavel: Edunioeste, 2008.
- KOCH, I. G. V. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez, 2002.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. Campinas, São Paulo: Pontes, 1987.
- \_\_\_\_\_. **Efeitos do verbal sobre o não-verbal**. Revista Rua. Campinas, S.P: Unicamp, 1995.
- PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Trad. ORLANDI, Eni Puccinelli. 2 ed. Campinas, SP: Pontes, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Legados de Michel Pêcheux: inéditos em análise do discurso**. Org. Carlos Piovezani e Vanice Sargentini. São Paulo: Contexto, 2011.
- POSSENTI, Sírio. **Humor, língua e discurso**. São Paulo: Contexto, 2010.
- VOESE, Ingo. **Vozes sociais citadas e sobrepostas: a polifonia e a dialogia**. Linguagem em (Dis)curso, 2005. Disponível em . Acesso dia 10/06/2013.

Recebido em: 12/06/2014

Aprovado para publicação em: 30/10/2014